

# O debate econômico

Economie  
Brasil

A difícil conjuntura econômica do País, abordada com lucidez e sinceridade pelo ministro Ernane Galvães, na entrevista publicada no último domingo neste jornal, leva à inevitável conclusão de que urge uma redistribuição dos sacrifícios e da participação dos diversos setores nacionais na luta antiinflacionária, hoje a inegável prioridade não apenas financeira mas social e até política. Para debelar essa inflação, que o próprio titular da Fazenda reconhece ser rebelde e refratária aos remédios que teriam sido aplicados por qualquer economista do mundo, há que se alargar e aprofundar o espectro dos sacrifícios, de forma a que toda a sociedade — e não só o lado mais fraco — venha a arcar com parcelas mais substanciais de esforços e de energia.

Não está muito longe disso a colocação que vários outros setores do País têm feito diante da situação econômica nacional. Aqui é um dirigente da Confederação Nacional da Indústria a advertir que o Brasil marcha para um processo de empobrecimento e que para osuperar a crise nacional deve ser encontrada uma tentativa de unidade dos vários segmentos sociais, acima de divergências partidárias. Ali, um ex-governador e hoje senador na Oposição vê riscos da política eco-

nômica sobre o processo político. Mais adiante, no maior parque industrial do País, um secretário de governo em São Paulo teme a explosão social na metrópole paulistana, por culpa do aumento das dificuldades da vida.

Em todas as colocações sobre o momento nacional, no aspecto econômico, é preciso separar o joio do trigo, vale dizer, as realidades negativas da síndrome da sinistrose. A falsa euforia do milagre brasileiro dos anos setenta não pode ser bruscamente substituída pela depressão neurótica e neurotizante de certos setores, que parecem convencidos de um apocalipse social a curto prazo.

É preciso que o governo e os setores responsáveis que exercem a liderança na área política, na econômica, na empresarial, na sindical e em todo setor relevante da vida nacional se dêem conta de que, efetivamente, o vulto dos problemas atuais reclama um esforço diferente, que incorpore um novo conceito de distribuição mais equitativa do ônus da luta antiinflacionária. E que some, até onde for possível, o esforço comum de vários setores da sociedade, aparentemente inconciliáveis. Se no Japão, por exemplo, eles puderam — e souberam — se unir para criar uma potência eco-

nômica, social e politicamente estável, por que isto seria impossível de ser ao menos tentado no Brasil?

De outra parte, se está definitivamente encerrada a fase dos tecnocratas triunfantes a acenarem com prognósticos e resultados otimistas de Brasil Grande, também não há por que se deixar levar pela mentalidade do *O Dia Seguinte*, como se o País estivesse sob efeito de ataque nuclear. A análise serena, como a feita pelo ministro Galvães, não esconde os problemas, mostra a perplexidade com a pertinácia da inflação, mas não se deixa dominar por pessimismos injustificáveis. Até porque, na análise fria dos fatos e dos números, o Brasil avança, apesar de tudo. As exportações não param de crescer, de forma satisfatória.

Estamos chegando aos 450 mil barris diários de produção nacional de petróleo. Vários setores importantes da economia estão em expansão contínua. E assim por diante, comprovando que não se está lidando com nenhuma massa falida. Na ampla e franca entrevista do ministro Galvães, bem como em sugestões e críticas de setores atuantes da sociedade, estão as sementes de novas soluções para que o País possa vencer o momento difícil e provar-se uma nação viável.